

ECHUS DO IBATÉ

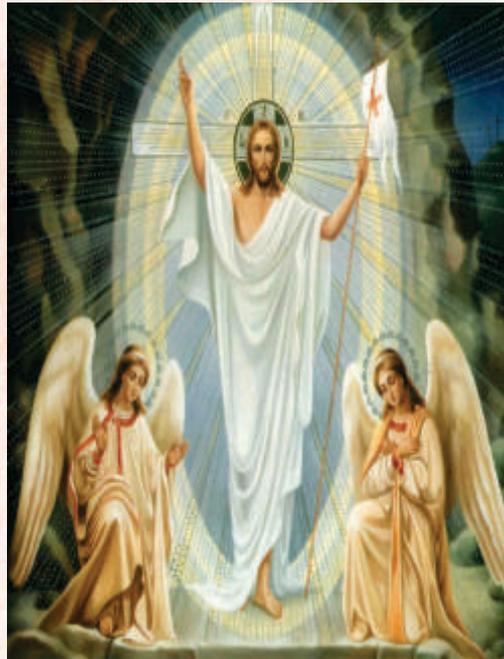
INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP

Nº 137 - ANO XXIII - MARÇO/ABRIL - 2015



PÁSCOA

Ainda há quaresmeiras em flor.
Aqui, alhures, nos vergeis, nas serras.
Resquícius do tempo sério que se foi.
Agora é nova era, Cristo ressuscitou!
É Páscoa da ressurreição!
Passagem da morte para a vida.
Doravante a vida tem sentido.
Há sentido na luta pela paz.
Um sol radiante brilha em plenitude.
Jesus ressuscitou - aleluia!
O cântico do céu cativo em nossos lábios,
já ressoa triunfalmente em louvações.
Aleluia! O círio pascal está aceso.
É o símbolo do Ressuscitado!
Atesta o ressurgimento, ilumina as trevas da morte.
Vida que vence a morte.
Reflorescer de vida sobrenatural.
Seiva nova no coração da Igreja.
A lua cheia pascal pontifica soberana.
Nos altos céus, esparge o seu clarão argênteo.
Águas batismais purificadoras.
Fogo novo, incenso, santos óleos.
Altares floridos, alfaias cintilantes.
Energias renovadas, revigoradas!
Calam-se as soturnas matracas.
Repicam os sinos ruidosamente.
Páscoa da ressurreição - Aleluia!



Joel Barbieri*

(*) Joel Hirenaldo Barbieri, 77 (51/58), licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor e Poeta. Membro da Academia Taubateana de Letras. Joel.hirenaldo@terra.com.br

Manet alta mente repostum*

Decididamente cravadas no coração de todos os ex-alunos do Ibaté conservam-se as músicas que vincularam sua passagem por aquela grande casa de forja humana.

Inesquecíveis e muito valiosas, é chegada a hora de ouvi-las todas - as clássicas - para regozijo e fortalecimento absolutos. Elas que nunca se apagaram; elas que proporcionam intenso vigor à alma, que sempre nos evocam boas recordações, imensa alegria e felicidade; fazem lembrar a farra, a disciplina, o estudo, o sonho com o porvir, as boas experiências da vida, as boas companhias, as grandes amizades... a transcendência.

Ecce momentum! Todas elas agora muito bem reunidas num único álbum, recapituladas e enunciadas de cor pela prodigiosa e tão afiançada memória do amigo Antônio Jurandyr Amadi, engenheiro, poeta, trovador, escritor e grande orador, o real ressuscitador daqueles vetustos alto-falantes que aspergiam o sublime e o sagrado por todos nós, ali mesmo, na geometria e na espiritualidade daquele imorredouro pátio.

Verdi, Rossini, Tchaikovsky, Sarasate, Paganini, Wagner, Weber, Chopin, Schumann, Ketelbey, Sibelius, Massenet, Pachelbel, Suppé, Vivaldi, Strauss, Händel, Mozart, Debussy, Beethoven e tantos outros compositores que saboreávamos nas poeiras daquele São Roque, estarão todos presentes - aderunt! - nesta obra que já se faz eterna e que terá seu lançamento brevíssimo, Deo Concedente.

Naturalmente que a tiragem é limitada, por isso é recomendável que o leitor, seus amigos e familiares façam o quanto antes sua reserva com Antônio Correa. Aproveite a ocasião e clique agora em: recreionoibateiii@uol.com.br e envie sua mensagem. Também pelo 11-5575.5013. Há ainda o Facebook. Nada mais que 200 músicas!!!

*PERMANECE PROFUNDAMENTE GRAVADO NO CORAÇÃO (VERGÍLIO. ENEIDA. LIVRO I, 26)



60 ANOS DE PARÓQUIA*

Em 1955, o **Padre José Payne**, nosso professor em São Roque, estava chegando ao refeitório dos padres, quando um colega o cumprimentou: -“Parabéns, Generoso!” Admirado, perguntou de que se tratava. -“Você é o novo vigário da Paróquia de Santa Generosa, em São Paulo”. Surpreso, o hoje Cônego Payne leu o jornal que lhe era exibido, com sua nomeação.

Como ele disse, no breve e emocionado discurso com que abriu a cerimônia comemorativa de seus 60 anos de paróquia, realizada no salão de festas da igreja, após a missa solene em que os fiéis deram graças por tão generosa e profícua presença à frente da comunidade, “ninguém me consultou, ninguém perguntou se eu queria; nem para me avisar: fiquei sabendo pelo jornal; mas, Deus quis e eu vim. Prometi ficar um ano, estou aqui há sessenta, com muita satisfação.”

Uma paroquiana, amiga do David de Moraes, nos avisou da efeméride e nosso colega, estando impedido, apelou ao **Attilio Brunacci**, que convocou o **Paulo Toschi**, para representarem a Turma do Ibaté e o Echus do Ibaté, nesse evento festivo.

Missa com comunhão dada à moda antiga, que “novidade” não é costume que se vá aceitando, sem mais nem menos. A elegância da batina justa e bem recortada do padre mocinho dos primórdios do nosso seminário também

estava participando dos sessenta anos, agora com os acréscimos, nas casas dos botões, do vermelho de membro do cabido, mantida a mesma classe, o mesmo esmero.

Ficou muito feliz ao ver os seus antigos alunos, o **Attilio**, coroinha das andanças do padre pelo Brás/Belenzinho; o **Toschi**, cujo pai era colega e amigo do Sr. Payne, progenitor do homenageado, na Isnard.

No seminário, em um dia gelado em que este repórter resolveu dormir sem cobertor, o Padre Payne, que estava fazendo a ronda do dormitório, substituindo o Padre Ministro, ao passar pela minha cama, disse apenas o seguinte: “-Eu quero, ao menos, dois cobertores nessa cama!”.

Foi lembrando tal carinhoso cuidado que me despedi do “sacerdos in aeternum”, que ele fez questão de mencionar na sua peroração, beijando-lhe respeitosamente a mão, mas com vontade de dar um abraço apertado e um beijo no rosto do nosso caro mestre, agora de cabelos branquinhos. Deus conserve sua perene juventude, a serviço Dele e de seus paroquianos.

*reportagem de Paulo Toschi para o Echus do Ibaté.



Pe. Payne e Paulo Toschi

CASO EDIFICANTE

DESCONFIANÇA



José Lui*

Numa tarde chuvosa, passa um féretro todo sujo de terra, em uma carroça rangendo, toda empoeirada, puxada por um cavalo trôpego e pangaré, seguida por quatro parentes maltrapilhos, com os saltos dos sapatos já gastos até a sola.

Atrás da carroça uma criança de pés no chão, puxava um cachorrinho esquelético amarrado em um pedaço de barbante. Era de se acreditar que o enterro não chegaria ao seu destino, pois o cemitério ficava um tanto distante.

Do outro lado da calçada um casal esperava para atravessar a rua em respeito ao funeral.

Num determinado momento a senhora um tanto constrangida, cutucou o braço do marido e disse:

- Aquilo sim que é uma extrema miséria! Desconfio que não exista nem sequer o morto!

(*) José Lui, 78 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

Clóvis Baroni: Reencontros



José Moreira de Souza*



Celso Guidugli, José Mário Leoni e Clovis Baroni

Dezembro de 1993. Paulo Acácio convocou todos os mineiros ao Primeiro Encontro da Turma do Ibaté. Dezoito responderam: Presente!

Apressadamente, Adélia, minha esposa, viu um ônibus na esquina de nossa rua que servia de aluguel para condução de trabalhadores à indústria. Pronto. Foi alugado para nos conduzir a São Roque. Era um daqueles monoblocos dos anos 60 que serviam à linha do Expresso Brasileiro de São Paulo a Sorocaba com parada em São Roque. Havia riscos e os meninos cinquentões não se sentiram nada animados a voltar à nossa Pátria Ibateana trajando um veículo daqueles anos memoráveis.

Porém, o bravo veículo resistiu. Foi e voltou. Ida de esperança e retorno de alegria e comoção.

Eis-nos chegados de manhãzinha ao Largo dos Mendes revolvendo a memória para reconhecer amigos e colegas dos quais permanecemos distantes por mais de

trinta anos.

Nesse meio, comparece o autor de nosso hino de alegria. Refiro-me ao Clóvis Baroni.

“I see more a town” faz tornar presente o passado.

“Eu vejo uma cidade”, lembrava o amigo Clóvis.

“Que maravilha me desperta!

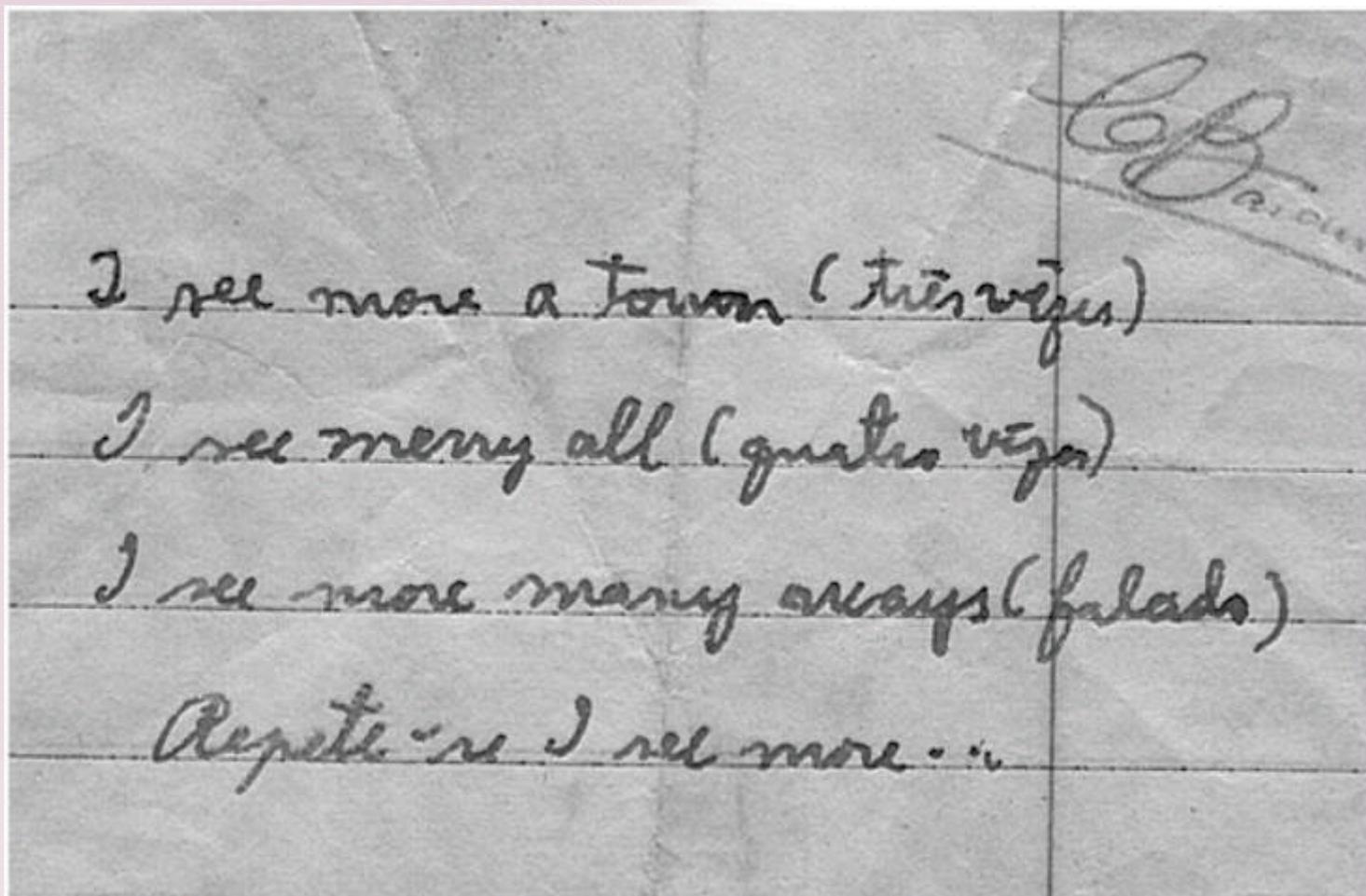
“Quantos caminhos!”

Clóvis compôs “I see more a town” em 1958. Seu último ano em São Roque. Queria que fosse um rock. O mundo se modernizava. Das montanhas rochosas do Ibaté cidades eram vistas e as encruzilhadas determinavam decisões.

Esse único exemplar de rock no seminário animou nosso herói a se tornar compositor. Padre Constantino decide encenar “Almas em Tempestade” - mais uma vez, essa peça se torna central para narrar prendas.

Clóvis é escolhido para se tornar um índio na Selva Amazônica - Iko Kué -. O autor determinava em seu escrito que esse índio declamaria um poema, logo que as cortinas do teatro se abrissem:

A noite trazer
Pela terra,
Pela serra,
Pelos ares,
Pelos mares,
Pequena Morte!



Não satisfeito com os versos, Clóvis deliberou inventar uma melopeia para enfeitar a fala e cantou. Cantou, cantou. Tornou-se Pajé em seu canto. Vila Lobos o inspirou. A “Pequena morte” sucede a “Manhã de sol”.
“Oooó Tupã, Deus do Brasil que o Céu enches de Sol!”

Nos encontros seguintes, retornamos, não mais de monobloco, mas, às vezes, em ônibus de carreira, outras de vans, outras em ônibus de turismo - daqueles que levam sacoleiros ao Paraguai - fretados por Paulo Acácio, ou mesmo de carro de passeio.

A partir do segundo encontro, Clóvis se tornou o animador. Mal chegados, após a saudação protocolar e inauguração de mais uma placa comemorativa - Das Colinas do Ibaté-, ei-lo de posse de microfone móvel entrevistando os recém-chegados. Velho amigo, surpreendo-me. Uma noite na estrada, que responder ao apelo? Disse o que meu veio à telha.

Após o lauto almoço, novamente Clóvis anima a festa convidando os presentes de cada turma - 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1956, 1957, 1958, 1959- a se agruparem para posarem para a história. O preparo para o clique da máquina - não havia mais Kapsa pinta branca, verde ou vermelha - era sempre precedido pela palavra de ordem: “E cheese”.

Mais um encontro, no salão nobre, exposição de todos os folhetins dos espetáculos cênico-musicais que animaram o palco do Seminário Médio Metropolitano Imaculado Coração de Maria. Aí, eu me animei demais.

-Clóvis, você tem a obrigação de escrever para o nosso Echus a história do teatro em São Roque.

Esta promessa ele vai cumprir; tenho certeza. O grupo de teatro vem se ampliando a cada dia em ascensão aos Céus do Saboó onde o Sol nunca se põe - e Clóvis vai se lembrar principalmente dos coros e das canções:



José Eustáquio, Perereca e Clovis Baroni

-“Viiiiva, o senhor marquês!”

-“Somos os temíveis piratas dos mares. Cantamos e roubamos depois de matar..”

-“Somos do deus glória e terror!”

-“Camaradas, Oh que vida fária, fária ô. Não tem dores não, que vida fária, fária ô. Nossa pátria é o norte, é o sul. Teto o vasto CéuAzul. Fária, fária, fária, fária, fária ô.”

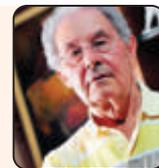
Fecha-se o pano rapidamente. “E a noite trazer pela terra, pelas serras, pelos ares, pelos mares... Pequena Morte”.

26 de setembro de 1940 - 21 de março de 2015

E Viva o **Bambino**. Viva o **Clóvis Baroni**.

(*) José Moreira de Souza, 73 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. josemoreira@superig.com.br

POUCA VERGONHA!



Pe. Otto Dana*

Gente, isto aqui está tudo podre. A República fede. Pra qualquer lado que se volte, você vê gente metendo as mãos. E não se fala em milhares, nem apenas em milhões. São bilhões. E não de reais, mas, bilhões de dólares, de euros. Gatunagem à solta. Vivemos na terra de Ali Babá e os quarenta ladrões. Eu disse quarenta? Bota ladrão nisso!

Não passa um dia sem que as páginas dos jornais e noticiários de TV e Internet não amanheçam recheadas de denúncias e suspeitas e confirmações e processo de corrupção e desvios de toda ordem. É mensalão, petrolão, BNDS, Eletrobrás, CPTM e Metrô, desvio de verbas e recursos do INSS, da educação, da saúde, desvirtuamento do seguro-desemprego, do bolsa família, da bolsa escola, da bolsa-crack, da bolsa-bolso. Não há nada intocado. A ética e a moral nos negócios, principalmente nos negócios públicos, passou a ser piada.

A República está podre de alto a baixo. E não me acuse de pessimismo. Olha só a primeira página dos principais jornais da quarta-feira, dia 4: frente a frente, ocupando um quarto da folha, a cores, as caras do Presidente do Senado e do Presidente da Câmara dos Deputados como incursos na lista de Janot na bandidagem da Operação Lava Jato do Petrolão. Aliás, pra que se surpreender? Já imaginou a máfia ser gerenciada por cândidas freirinhas? Renan Calheiros e Eduardo Cunha foram eleitos pelos seus pares. Esperar o que?

Quase na mesma página, está lá que o Supremo Tribunal Federal extinguiu a pena de José Genuíno do mensalão, beneficiado por indulto de Natal! Quá, quá, quá! Indulto de natal? Que sacrilégio! O Menino Jesus dever ter pulado do colo de Maria ou antecipado sua fuga para o Egito. Cadê o Joaquim Barbosa?!

Passo para o caderno de Economia e leio

estupefato que o dólar passou dos três reais. Lá se foi minha tão sonhada turnê por Saltinho, Rafard, Ajapi, Conceição do mato Dentro, Borebi... Pobre não tem vez mesmo!

Por outro lado, pra não ser tão negativista, uma notícia animadora: diz que a Câmara dos Deputados declinou do benefício da “bolsa-esposa” que se atribuíram recentemente. Diante da indignação do populacho, voltaram atrás. Vão pagar do próprio bolso as passagens para visita íntima do cônjuge a Brasília. Será?! ... É muita esmola prum santo só! E as demais benesses? A bolsa-moradia, a bolsa telefone, a bolsa internet, a bolsa selos, a bolsa paletó, a bolsa-consultoria, a bolsa-assessoria, a bolsa-bolso?

Coisinhas essas que somadas representam um impacto total de R\$ 146 milhões nos nossos bolsos. Sem contar os míseros R\$ 33 mil de salário mensal. Tadinhos!

Fora as verbas destinadas às emendas dos parlamentares que, segundo a imprensa, aumentam para R\$ 16,5 milhões o potencial de gastos por parlamentar que, somadas todas elevaria a uma cifra total de R\$ 9,8 bilhões. !!!

Enquanto isso, para nós povão, sobram mais impostos, mais tarifas, mais arrocho salarial, mais alta da gasolina, da energia, da cesta básica, alta do custo de vida, alta, alta de, alta de.

Cambada de sangue-sugas, súcia de velhacos. Devíamos fazer com eles o que fez um idoso da Nova Zelândia: descontente com as falcatruas dos políticos, encheu um balde de cocô de cavalo e foi atirando as bolotas neles. Como por aqui não temos tantos cavalos distribuindo troços aos baldes, poderíamos usar do nosso estrume bem mais cheiroso! Diante do fedor do nosso cocô, o de cavalo é cocô Chanel! Ah! Como faz falta a Geni!

A PRAGA DOS GAFANHOTOS DENGOSOS

Está lá na Santa Bíblia. A dos gafanhotos é a oitava das 10 pragas. Está lá em Êxodo, 10. De vez em quando Deus gostava de brincar com os poderosos. Zoar com eles. Abalar a teimosia e a arrogância dos que achavam que podiam tudo. Como no tempo do rei do Egito. Não queria deixar que povo de Israel saísse do Egito porque ia perder muita mão de obra e muita grana. Por mais que o líder Moisés implorasse e ameaçasse, o rei mantinha-se durão: ninguém sai daqui.

Aí Deus disse a Moisés: deixa comigo. Eu sei lidar com gente de cabeça dura: não vai por bem, vai na paulada. E foi assustando de vagar. Primeiro, a água virou sangue. Abria a torneira, escorria aquela sangueira. Bem pior do que a nossa água que chega barrenta. Mas, o rei, nem tchum. Aí vieram as rãs. Aquela coaxaria infernal. Era rã por tudo, de todos os tamanhos e timbres de voz. Uma zoada. As rãs também não foram suficientes para aplacar a teimosia do rei: “Ninguém sai do meu Egito”.

As rãs não convenceram. Nem os piolhos. Nem as moscas. Nem a praga dos animais que foram mortos e nem o castigo dos tumores e úlceras. Nada! Ninguém sai daqui! E veio a chuva de pedra. A pior tempestade que o Egito já suportou. Dizimou plantações e animais e matou muita gente. Uma catástrofe. Mesmo assim o rei ficou inabalável. Nem os gafanhotos, nem a escuridão total assustaram o reizinho porreta. Mas a décima praga o derrubou. A morte de todos os primogênitos, inclusive o filho do rei, e até a primeira cria dos animais. Vale a pena ler Êxodo 7 a 11 para lembrar os medos infantis do Catecismo ou da Escola Dominical.

Parei um pouco mais na praga dos gafanhotos: “amanhã vou trazer gafanhotos para o seu país. O chão não poderá ser visto, pois eles cobrirão a terra do Egito. Eles comerão tudo o que é verde, grama e até árvores grandes. Não sobrá nada. Eles encherão as suas casas, as casas de todos os seus funcionários e todo o seu povo. E essa desgraça será pior do que tudo o que seus antepassados já viram.” Pouca gente por aqui conhece gafanhotos ao vivo. Principalmente aqueles gafanhotos mais desenvolvidos, como aqueles que João Batista traçava no seu almoço dietético. Eu vi muitas vezes em Dr. Pedrinho minha terra (visite antes que acabe!) do jeito que a Bíblia descreve. Vinham em nuvens, aos milhares, produzindo um ronco assustador e fazendo sombra sobre a terra...Em dez minutos



pelavam os pastos, plantações e até árvores de pequeno e médio porte. Não sobrava nada. Só as bestieiras dos tirolezes, dos alemães e polacos que perderam tudo.

Aqui em nossa região estamos livres dessa praga. Embora, para nossas praças, seriam até uma bênção. Os gafanhotos fariam uma festa se fartando nos capinzais de nossas praças. Mas, o gafanhoto não é um inseto urbano. Então ele fez parceria com o Aedes Aegypti, o pernilongo da dengue e outras inconveniências.

A diferença entre o mosquito da dengue e o gafanhoto, é que o gafanhoto é vegetariano; já o pernilongo é vampiresco, gosta de um sangue bem vermelhinho. E sangue humano. Nada de cachorro e gato e vaca no cardápio. Será que Deus trocou de armas? Em vez de uma praga de gafanhotos nos mandou uma praga de mosquitos da dengue?!

Claro, Deus não é de rogar pragas nem de provocá-las. Somos nós mesmos que atraímos e produzimos as nossas pragas. Deus não manda os pernilongos pra cá. Nós os seduzimos no lixo exposto, poças de água parada, trastes jogados por aí, bueiros entupidos, enfim, nossas cidades se transformam em confortáveis resorts para os pernilongos. E como os gafanhotos da Bíblia, vem chegando aos milhares e distribuindo picadas e derrubando todo mundo. Que Deus nos socorra dos gafanhotos dengosos! Amém!

(*) Pe. Otto Dana, 76 (54/58) Pároco Emérito da Igreja Sant'Ana em Rio Claro-SP, Diocese de Piracicaba. otto.dana@gmail.com

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489



Attilio Brunacci*

Efeméride significa um fato memorável ou gratificante ocorrido em uma determinada data. Palavra de dicionário.

Antigamente (o meu RG tem o nº 3.317.288!!!), eu escrevia efeméride (do latim ephemeridis), assim como se grifava phósphoro, philósopho, physiologia... Mas essa história é de outro departamento.

Ibateano é o adjetivo que identifica o ex-aluno do Ibaté, o nosso antigo e saudoso Seminário Menor de São Roque. Pessoalmente, eu acho que o gentílico verdadeiro deveria ser ibateense e não ibateano, assim como quem nasce em Taubaté é taubateense, não taubateano. Porém, explicam-me os mais chegados aos escritos do Echus do Ibaté que ibateano identifica o ex-aluno do Seminário, e que ibateense é o indivíduo que nasce em Ibaté, cidade da região do Estado de São Paulo. Concordei de imediato.

Mas, vamos ao que interessa.

Com o título de Efemérides Ibateanas, este nº do Echus traz uma matéria especial para destacar, nesta edição da Festa da Páscoa de 2015, fatos memoráveis e gratificantes que aconteceram e estão acontecendo na vida de seis ibateanos. É uma homenagem fraterna a esses nossos colegas por ocasião da maior festa do cristianismo. Pela ordem:

MENÇÃO HONROSA: Jubileu de Ouro Sacerdotal

José Maria Pinheiro - 2014

José Oswaldo Clemente - 2014

Algirdo Antonio Bartkevicius - 2015

MENÇÃO “ESPECIAL”

Fernando José Penteado - 55 anos de ordenação presbiteral

José Maria Pinheiro - 10 anos de ordenação episcopal

MENÇÃO FRATERNA

Wilson de Oliveira Sales - 35 anos de ordenação presbiteral

José Arnaldo Juliano dos Santos - 30 anos de ordenação presbiteral

DOM JOSÉ MARIA PINHEIRO (Zé Maria) - Bispo Emérito de Bragança Paulista-SP

Passou pelo Seminário de São Roque de 1951 a 1957. cursou filosofia no Seminário Central de Aparecida. O curso de teologia foi no Seminário Central do Ipiranga. Ordenou-se presbítero em 1964, passando a exercer o múnus pastoral em várias paróquias da Zona Leste da capital.



D. JOSÉ MARIA PINHEIRO

Posteriormente, esteve na Prelazia de Itacoatiara-AM e na Diocese de Guajará-Mirim-RO.

Seu “currículum sacerdotis” inclui vários cursos: Direito (Guarulhos-SP), Catequese (Bruxelas/Bélgica), Pastoral (Ibrades/CNBB). É mestre em Teologia pelo

Institut Catholique de Paris.

Ordenado bispo, foi para Guajará-Mirim/Colorado do Oeste. Sua saúde obrigou-o a voltar a São Paulo em 1997 e nomeado Bispo Auxiliar para a Região Episcopal Ipiranga. No ano de 2005, nomeado Bispo da Diocese de Bragança Paulista, tornando-se Bispo Emérito devido à sua saúde.

Em seguida, mudou-se para uma pequena diocese de nome Pointoise, nas imediações de Paris, sendo bem acolhido pelo bispo diocesano Dom Jacques Benoit-Gonnim.

MONSENHOR JOSÉ OSWALDO CLEMENTE - Vigário-Geral da Diocese de Taubaté.

Mons. Clemente estudou no Seminário Menor Santo Antônio, em Taubaté. Em 1954 foi para São Roque e permaneceu até 1957. Os cursos de filosofia e de teologia foram feitos, respectivamente no Seminário de Aparecida e no Central do Ipiranga. Ordenou-se presbítero no ano de 1964 na catedral de Taubaté.



MON. JOSÉ OSWALDO CLEMENTE

Desenvolveu atividades pastorais como pároco em duas paróquias na Diocese de Taubaté e também foireitor do Santuário de Santa Teresinha. Hoje é Pároco Emérito. Outras funções:

-no Seminário Menor, foi professor, ministro de disciplina e diretor espiritual no Seminário Diocesano;

-membro da Comissão de Administração Econômico-Financeira da Diocese;

Títulos: Cônego do Cabido Diocesano e Monsenhor Capelão do Sumo Pontífice João Paulo II.

MONSENHOR ALGIRDO ANTONIO BARTKEVICIUS (Bichobicho)

Este era o seu nome quando passou pelo Seminário de São Roque entre 1951 e 1958. Seu apelido era lituano ou bichobicho, uma imitação jocosa da pronúncia do seu sobrenome.

Terminado os estudos no Ibaté, imigrou com a família para os EUA, junto à colônia de lituanos. Passou a chamar-se



MON. ALGIRDO ANTONIO BARTKEVICIUS

Bartkus Algimantas Antanas. Estudou filosofia e teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma).

Ordenou-se presbítero em dezembro de 1965.

Com a família na Pensilvânia (EUA) permaneceu vinte anos trabalhando como pároco junto à comunidade lituana. Em 1983 foi convidado pela Santa Sé para dirigir o Pontifício Colégio Pio Lituano de Roma.

Mons. Bartkus é licenciado em Direito Canônico e em Direito Civil.

Certa ocasião ele me confidenciou as lembranças do Seminário do Ibaté, destacando o clima de amizade e de companheirismo que existia entre os colegas. Curioso: lembrou-me de ter ajudado na construção do atual campo de futebol.

DOM FERNANDO JOSÉ PENTEADO

D. Fernando estudou no Ibaté nos anos de 1949 a 1953; veio do Seminário de Pirapora juntamente com outros colegas que iniciaram o curso naquela vetusta casa de formação eclesiástica. Em seguida, foi para o Seminário Central do Ipiranga para os cursos de filosofia e de teologia. Ordenou-se padre em 1960 e foi professor no Ibaté. Suas atividades pastorais desenvolveram-se na Região Sul da capital, na antiga Região Episcopal Santo Amaro.



D. FERNANDO PENTEADO

No ano de 1979, ordenação episcopal em Roma, das mãos de João Paulo II, e nomeado bispo-auxiliar de Dom Paulo Evaristo Arns. Atuou na Região Episcopal Itapeverica da Serra e na Região Episcopal Lapa. Em 2000, nomeado bispo da Diocese de Jacarezinho-PR. Lutou pela implantação da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), da qual foi o primeiro reitor. Tem o título de Cidadão Honorário da Cidade.

Em 2010, Bento XVI aceitou seu pedido de renúncia do Governo Pastoral, tornando-se Bispo Emérito da Diocese de Jacarezinho.

PADRE WILSON DE OLIVEIRA SALES (Sabé)

Em São Roque, Pe. Sabé estudou entre os anos de 1967 e 1970. Depois dos cursos de filosofia e de teologia no

(*) Attilio Brunacci, 78 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: "Grazie Tante", autobiografia, "São Paulo na Frente pelo Trabalho" e "Cetesb": 25 anos". Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com

Seminário Central do Ipiranga, ordenou-se presbítero em 1980. É pároco da paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no bairro da Ponte Rasa, Zona Leste da capital, região marcada por gritantes problemas socioeconômicos. No seu território, "Sabé" é a marca registrada de sua querida presença no meio do povo.



Pe. WILSON DE OLIVEIRA SALES

Desenvolve significativos trabalhos de promoção humana e religiosa em seu "reduto" paroquial. Tem ainda importante atuação no Movimento Afro-Brasileiro em São Paulo e participa da Associação Nacional dos Presbíteros do Brasil (ANPB), instituição de propostas avançadas no campo pastoral.

PADRE JOSÉ ARNALDO JULIANO DOS SANTOS (Bebeto)

Foi aluno do Seminário do Ibaté de 1962 a 1970.

Estudou no Seminário Central do Ipiranga nos cursos de filosofia e de teologia. Sua ordenação presbiteral foi no ano de 1985.

Sua trajetória eclesiástica registra:

- professor na Faculdade de Teologia e também diretor dessa mesma faculdade;
- pároco da paróquia São Judas Tadeu, Região Episcopal Santana;
- capelão do mosteiro da Luz;
- historiador e coordenador do Departamento de Pesquisa do Museu de Arte sacra de São Paulo.



PD. JOSÉ ARNALDO JULIANO DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Tomaz Gomide, Pe. (57/60) - Caríssimo Mosca, para mim é uma alegria muito grande receber o nosso informativo, apesar de não ter dado a minha contribuição por mais de um ano. Vou fazê-lo brevemente. Tive um ano muito difícil, com a doença e morte da minha mãe. Ela ficou 5 anos numa clínica em São Roque. Sinto-me honrado de dizer que cuidei bem dela durante a sua longa peregrinação.

Quero avisar que estarei presente em São Roque no nosso encontro. Agora tenho mais tempo livre, pois no dia 24 de junho estou me aposentando. Aqui na diocese onde trabalho, o padre tem o direito de se aposentar aos 72 anos de idade. Que alegria imensa! Vou continuar a servir a Igreja, mas não estarei acorrentado. Serei LIVRE.

Como se diz em inglês, "by the way". Gostei do artigo do Otto Dana. Graças a Deus não fui ingênuo durante os meus 40 anos de trabalho nesta diocese. Lembrou-me muito bem do padre Moschini, nosso professor no Central. Uma vez, quando eu estava estudando em Roma, ele me disse: "A primeira coisa que você deve fazer é ter um teto sobre a sua cabeça, de onde nem o bispo pode tirar você". Segui o que ele me disse. Vou morar na casa, que tenho há mais de 25 anos. Infelizmente a grande arma das autoridades civis e eclesiásticas para dominarem os seus súditos é o dinheiro! A melhor forma para ser livre, é ter o suficiente para viver dignamente.

Aqui onde estou, apesar de estar planejando a minha aposentadoria, não vai faltar trabalho. Já tenho um monte de pedidos para ajudar em diversas paróquias. Que coisa boa: ser padre e nada mais! Ser livre para exercer o ministério sem ter que dar atenção às lutas pelo poder.

Quando estudei no Central, lembro-me do professor de Direito Canônico que nos dizia: "Na vida do padre há três fases perigosas: quando jovem, o perigo é o sexo. Na meia idade, o perigo é o dinheiro. Na maturidade, o perigo é o poder. Será verdade?"

Mosca, obrigado a você e a toda a equipe por manterem vivas as memórias do nosso seminário menor. 06.02.2015 Mineola-New York-Usa - tgomide@me.com



Luiz Loureiro*

A história é tão absurda que até parece mentira. Mas juro que é tudo verdade.

Naquele começo da noite, os vizinhos não acreditavam no que viam e nem sonho do que viria a acontecer.

Uma senhora de meia idade, com aparência de fino trato, dava escândalo na porta do apartamento da Gracinha.

Não que a Gracinha tivesse a melhor das famas, mas, para os vizinhos, ela era uma garota alegre e comportada, que não criava problemas ao condomínio.

Pelo menos duas vezes por semana, ela recebia a visita do coroa bonito que chegava lá pelas quatro da tarde e só saía pelas oito. E naquele dia não foi diferente.

- Gracinha, cê tá um negócio hoje! Vem cá, vem.

- Vai com calma, Jorge, a gente tem bastante tempo.

- Hoje, não. Tenho que sair mais cedo, que a Marluce tá me esperando em casa pra conversar. Tô até preocupado. Será que ela tá desconfiando?

Ele não poderia imaginar que, bem naquele dia, a esposa iria aparecer no condomínio e fazer todo aquele escarcéu.

Jorge conheceu a Gracinha numa festa de casamento. Ele e a Marluce, comportadinhos numa mesa de amigos, e a garota dançando sensualmente na pista. A meia luz facilitava os olhares apetitosos dele sobre a possível presa. Mantinha-se sentado, em nome do bom tom, disfarçando a vontade de investir. Até que, depois de muito vinho, os ânimos se soltaram e o casal também correu para a pista. Daí tudo ficou mais fácil. Uma esbarrada aqui, um olhar ali e a Marluce, de pileque, nada percebia. O encontro de Jorge e Gracinha foi no banheiro do bufê, rápido e eficiente, com troca de telefones. Daí em diante começaram os encontros no apê dela.

- Conta pra mim: como é que você faz pra enganar a tua mulher, hein? Ela não desconfia que você vem aqui?

- Ela deve desconfiar, quando chego em casa mais tarde. Mas eu falo que estava no happy hour com os amigos e dou uma enrolada.

Todas as noites, quando Jorge chegava em casa, a rotina se repetia, como qualquer rotina que se preze.

- Oi, querido! Como foi o seu dia?

Essa saudação padrão de Marluce irritava Jorge, principalmente nos dias em que acabara de visitar a amante. Ele já sabia que aquele mantra "Oi, querido..." era a dica de que a esposa estava a fim de transar.

Teve um dia em que ele chegou da Gracinha e a Marluce parecia saber que o marido a traía.

- Oi, querido! Como foi o seu dia?

- Difícil. Tô tão cansado...

- Ficou no escritório até agora?

- Foi.

- Mas eu liguei lá e ninguém atendeu.

- Ah, é. É que eu dei uma chegada no Bar do Lino.

- E foi bom? Relaxou bastante?

- Ô!

Nesse dia, como Marluce nunca tinha especulado desse jeito, na cabeça de Jorge começaram a se formar as nuvens negras da preocupação. Será que ela desconfia? E se ela descobrir tudo? Vou perder a mordomia toda. Empregão na firma do sogro, apartamento de cobertura com vista para o mar, os carrões, as viagens...

- Marlu, eu quero te contar uma coisa.

Por um instante achei que Jorge iria se abrir e lhe contar suas aventuras amorosas. Bem que isso sempre se passava na cabeça dele. Sabe como é, complexo de honestidade. Mas ele já tinha visto essa cena em tantos filmes e, ao que se recordava, todos haviam terminado em merda. Fora o caso de um amigo, que foi praticar esse tipo de sinceridade com a mulher e se estrepou todo. Melhor ficar calado.

Essa coisa de ser honesto era por causa da formação. Desde criança, sua mãe beata fazia a pregação diária de que a mentira é pecado a ser punido, enquanto a verdade sempre aparece.

- O que você quer me contar, Jorge?

- Na verdade, antes de ir ao bar eu dei uma passadinha noutro lugar.

Que lugar seria esse? - pensou Marluce - que já desconfiava do eterno cansaço do marido e não era mulher de aguentar esse papo de casal aberto. Até já estava preparada para descer porrada se o criminoso confessasse.

- Passei na padaria e trouxe esses croissants de presunto que você adora.

E ele foi tomar banho (até para tirar o cheiro da outra), ela foi preparar a janta, e a rotina se restabeleceu.

No fatídico dia do começo desta história, Jorge ligou para a Gracinha.

- Mô, acho que ela tá desconfiando. Melhor dar um tempo.

- Ai, fofo. Não faz isso.

- Tô falando sério. À tarde passo aí e a gente conversa.

O papo de que estava bebendo com os amigos não estava mais colando com a Marluce. De qualquer forma, ela não sabia onde ficava o bar e não teria como dar um flagrante. Jorge só não sabia que um desafeto seu tinha entregado o endereço da Gracinha para a Marluce e especificado o dia e a hora em que ele estaria lá.

Não deu outra.

A Marluce bateu na porta do apartamento e já foi logo esculachando:

- Sai daí seu desgraçado! Eu sei que você está aí. Sai logo que eu vou te matar!

Se a Gracinha ficou nervosa, imagina o galinha, visualizando a mulher armada, pronta para o desenlace. Daí ele sussurrou no ouvido da Gracinha:

- Não responde. Vamos fingir que não tem ninguém.
- E agora, o que é que a gente vai fazer?
- Fica fria que eu vou bolar uma saída.

Aí começou a juntar gente na porta do apartamento. Vizinho, síndico, faxineiro. Só faltaram repórter e vendedor de pipoca.

- Meu marido tá lá dentro com a sirigaita. Ou ele sai ou eu estouro essa porta!

- Calma minha senhora, calma. Senão vou ter que chamar a polícia.

- Pode chamar, que eu vou acabar com esse pilantra!

- Melhor a senhora descer, tomar uma água com açúcar...

- Água com açúcar o cacete! Só saio daqui com o meu marido. Vivo ou morto!

Foi quando Jorge percebeu que a mulher não estava para brincadeira. Tinha que arrumar uma saída. Saída mesmo não existia, porque a quitinete da Gracinha não tinha porta de serviço. Se quisesse, teria de sair pela porta da frente. Pular da área de serviço não dava. Dez andares. Pensou em passar para a área de serviço do

apartamento vizinho. Mas daria na mesma. Escapar por onde?

Então Jorge teve um estalo. Aquela ideia que vem não se sabe de onde e que só contempla cérebro de malandro refinado. Ligou para o Bar do Lino, mandou chamar um amigo e lhe passou o endereço da quitinete da vizinha. Pediu para providenciar um caixão de defunto e enviá-lo para lá. A Gracinha combinou tudo com a vizinha, sussurrando ao interfone.

Uma hora e meia depois o caixão chegou, entrou no apartamento vizinho e saiu carregado, com o Jorge dentro, seguido de duas carpideiras profissionais devidamente contratadas. Nessa altura do campeonato, Marluce, mais calma, cansada e condoída com a morte da vizinha, e já que ninguém respondia no apartamento da Gracinha, resolveu ir embora, convencida da inocência do marido.

O caixão foi direto para os fundos do Bar do Lino, onde o falso defunto apeou e comemorou o sucesso da operação com os amigos de fraude.

Quando Jorge chegou em casa, foi a vez dele recitar o tal do mantra, na maior cara de pau:

- Olá, querida! Como foi o seu dia?

- Meniiiiino! Nem te conto!

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 65 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: XII ENCONTRO

História, prece e saudade,
que o arquivo d'alma mantém,
reviverão de verdade
no Encontro Doze que vem.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Os Encontros em São Roque
tem algo de especial
de Deus sentimos o toque
é um momento celestial.

Alfredo Barbieri (49/53)

Vem o Décimo Segundo
Encontro que se dará,
em nosso Ibaté jucundo.
Que festa, que bom será!

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

TEMA: PERSEVERANÇA

Perseverança é a atitude
plantada em mim com a ferro:
se escolho o certo, é virtude;
Vício, se ateno-me ao erro.

Constância e perseverança
é o binômio ideal
garantia de esperança
valorizando o essencial.

Agir com perseverança,
em circunstância qualquer,
é assim que a gente alcança
tudo aquilo que se quer.

Perseverança é virtude:
batalhar e transpirar;
assumir firme atitude.
Essa vida vai mudar!

Antonio Carlos Corrêa-Careca (64/67)



Temas para o próximo ECHUS: PREGUIÇA e AVAREZA.
Envie-nos você também a sua trova.

Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus



Joaquim Benedicto de Oliveira*

Nota da Redação: Continuamos a reproduzir partes do livro do nosso colega Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho (50/56). Os capítulos publicados não seguem, obrigatoriamente, a ordem constante no livro. Aos que quiserem se deliciar, antecipadamente, de toda a obra do Quim, devem acessar o link: <http://177.103.223.197/Echusdolbate/>

Brasil Urgente

Minha iniciação política aconteceu sob a influência do nanico jornal “Brasil Urgente”. E não foi um aprendizado particular. Havia, na verdade, no Central do Ipiranga, um grupo, não organizado, que frequentava a redação do periódico, lá na rua Cincinato Braga, no Paraíso. Lá conhecemos e travamos contato com frei Josafá, o dominicano, até hoje expoente representante da Teologia da Libertação; Ruy do Espírito Santo e Plínio de Arruda Sampaio, exemplos de combatividade social nos meios católicos de então; o cartunista Arapuã, artista importante, pois em cada edição do jornal ele conseguia ultrapassar a empolgação ideológica e atingir as raiais do exercício da ironia.

Desse grupo, devo destacar o Ruy do Espírito Santo, de quem mais tarde seria colega de ensino superior. Freqüentador dos dominicanos, Ruy aliava com sabedoria o ensinamento cristão à análise marxista da realidade. Foi com ele que aprendi ser possível relativizar o pensamento de Marx e, pragmaticamente, utilizá-lo naquilo que se aproximava da doutrina social da Igreja. Aquele intelectual magrinho e de fala mansa me impressionava com sua facilidade para unir a ação católica aos argumentos que exploravam as contradições do mundo real. Certa vez, perguntou-me, medindo de cima a baixo, certamente incomodado com a cor da minha batina, como é que um dono de laboratório farmacêutico pode se declarar cristão e, ao mesmo tempo, ao apreçar seus produtos, impossibilitar de sua compra inúmeros mortais, pobres e necessitados. Claro que nada respondi, envergonhado que fiquei. Mas compreendi o ensinamento: ser cristão exigia muito mais do que se dizer cristão.

Naqueles tempos, nossa revolução de seminaristas era, e só podia ser, de acordo com a visão cristã do mundo. Mas nossos muitos adversários tinham, alias como acontece ainda hoje, a grande mídia a seu serviço. E ditavam as normas a serem aplicadas aos subversivos, especialmente se fossem padres ou seminaristas. É de pasmar! Imagine eu, simples aluno e candidato ser sacerdote, ser tachado de ateu, comunista e guardador de armas para a hora da revolução marxista no Brasil! Simplória mas eficiente acusação. Esse foi também um argumento que “justificaria” o golpe militar.

Freqüentador da redação do “Brasil Urgente”, membro efetivo do grupo que fazia apostolado dominical na antiga favela do Vergueiro, e um dos signatários da famosa “Carta aos Bispos” pedindo reformas no regulamento do seminário, eu só poderia ser de fato um subversivo.

Nossos ideais tinham, no entanto, vários fundamentos: o Movimento para um mundo melhor, do padre Lombardi, as ideias intelectualmente consideradas e intensamente postas em prática pela Ação Católica, de modo especial pela Juventude Universitária Católica, JUC, que também frequentei, com seu método aprendido com o padre Leuret - ver, julgar e agir -. E pela grande admiração que tínhamos pelos exemplos dos padres operários franceses. Estes eram os nossos modelos mais próximos

Esse conjunto de pensamentos e atitudes configuravam, para nós, a exemplificação mais consistente do pensamento cristão da modernidade. Tínhamos certeza de seguir um caminho legítimo em direção a um cristianismo primitivo, comunitário e participativo, com lembranças ainda palpáveis da passagem de Cristo pela Terra. Seria uma utopia, a nossa? Possivelmente sim. Digo possivelmente por não ter sido, naqueles dias, tão consciente sua constatação. Ademais, adolescentes que éramos, basta lembrar, eu diria quase romanticamente, que no Ipiranga, os filmes assistidos por nós documentavam nossa procura de uma ação pastoral concreta no caminho de uma nova pregação do que deveria ser o cristianismo. Entre os muitos filmes vistos e comentados em nossas reuniões do Cine Clube destacou-se a ação caridosa de São Vicente de Paulo, o “Monsieur Vincent”; sobressaiu-se a dedicação de padres operários pelo conhecimento intenso de ovelhas desgarradas, como as prostitutas; dominou ainda a solidariedade empolgante e, para nós, cristã exposta no filme “Se todos os homens do mundo”; e, coroando esse conjunto de “modelos”, o exemplo inocente e angelical da Gelsomina, de “Na estrada de Vida”, do genial Fellini, recentemente lembrado pelo papa Francisco e elogiado como uma película que marcou seu modo de ser. Nós éramos modernos românticos mas, também, conscientemente sabíamos estar em perfeita consonância com os ideais do Vaticano II.

Desejávamos, ainda, que nossa ação política (não era possível nos livrarmos dela) fosse, ao mesmo tempo, missionária e evangélica mais do que qualquer outra coisa. Nem de perto e nem de longe fomos comunistas. Aproximamo-nos deles apenas naquilo que havia proximidade de propósitos.

Na verdade, nós éramos seminaristas brasileiros, inseridos na realidade brasílica do momento, com alguma comunhão com os militantes de esquerda, estudantes, artistas e intelectuais, romanticamente revolucionários. Todos estes segmentos empenhados numa utopia de integração com o homem simples do povo e isto, é claro, foi visto como subversão. Em todo o Brasil.

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 77 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br



Paulo Francisco Toschi*

Quinta-feira, a primeira do mês de fevereiro de 2015. Tive um probleminha circulatório, à noite, já depois da novela maior da Globo. Ultimamente, venho sentindo uns mal estares que podem ser causados pelos vários remédios que tomo, os médicos estão cientes e sigo suas recomendações e doses. Contudo, o que senti naquela noite foi diferente e me preocupou. Repentinamente, tive a sensação de que iria sucumbir. Pensando em ir até um hospital, achando que a coisa era grave, eu passei a meditar sobre a vida, mais precisamente sobre a morte. Pensei como seria, quando chegasse a minha hora. Por via das dúvidas, tomei precauções: ato de contrição, pai nosso, ave maria, invocações aos santos de minha devoção, espírito preparado para comparecer ao juízo particular, se fosse o caso. Rememorei se o seguro de vida estava em dia, fiz cálculos de quanto sobraria para minha mulher, depois de pagos os compromissos pendentes. Fiz um carinho na minha companheirinha canina, e fui repousar um pouco. Acabei dormindo até alta madrugada. Sem perder a calma, concluí que, se não tivesse acordado para os vivos, finalmente, as muitas e frequentes dúvidas que têm me atormentado, há um bom tempo, sobre o que está nos livros sagrados, nos credos e nos catecismos, poderiam ter sido finalmente espancadas. Voltei a dormir tranquilo. De manhã, acordei bem melhor. Como o rebate era falso, as dúvidas permanecem sem resposta e eu continuo vivinho da silva. Lembrei de quem eu deixaria, caso não tivesse acordado. Parentes íntimos, parentes menos íntimos, amigos, conhecidos, e... a Turma. S i m , a Turma. Era sexta-feira e eu recebera um e-mail, avisando que haveria o jantar mensal de confraternização. Pensei comigo: já faz vários meses que eu não compareço, por variados e impeditivos motivos, meus amigos são tudo o que me restou de bom, além de meus familiares, preciso ir lá. Vivemos tão unidos que é melhor ir vê-los, trocar abraços, sorrisos, recordações, antes que eles se reúnam para cantar, diante de mim, o “sub tuum praesidium” com aquele ar compungido (será?), em tom de adeus. Tudo bobagem, coisa de velho com medo do que, um dia, certamente virá: não se assustem os que me amam, não se animem os outros, ainda vão ter me agüentar um pouco mais. Cheguei ao restaurante e encontrei meus amigos fazendo a nossa regressão mensal, assumindo-se meninos, como sempre. Aflorava a jovialidade do espírito, independente da idade. Voltando todos aos quinze anos, ficamos todos iguais, não importa se estivemos no Ibaté em 1949 ou 1973. Mas, um grupo deles estava sério e debatia, como sisudos homens de negócio, providências para divulgar um livro que veio a lume, há pouquíssimo tempo, com sucesso, com a colaboração de toda ordem, de vários colegas do Ipiranga e de São Roque. Era o diário escrito por um padre quando preso pelos órgãos ditatoriais que se apossaram do poder, a partir de 1964, complementado por ricos comentários e rodapés do **Attilio Brunacci** e muito bem ajambrado, da capa às orelhas, pelo **Cláudio**

Giordano. O interessante é que o Apêndice do livro tem mais páginas que o Diário. Mas, não há página que não seja interessantíssima (interessante e santíssima), inclusive as de autoria do **Cordão**. Aquele grupo, no jantar, não era bem a minha turma. Senti que estavam querendo me dar “um chega pra lá”, um merecido “chá de pouco caso” e “saí de fininho”. Mania que eu tenho de querer me meter em briga de cachorro grande: eu estive em São Roque apenas por quatro anos e oito meses; eles foram longe, receberam ordens menores e maiores, alguns foram ungidos, têm diploma de filosofia e de teologia, e passaram-se muitos anos para voltarem a ser exatamente iguais a mim, ou seja, “arrepiados”, embora em grau mais elevado, bem superior ao meu. Fui procurar outra turma, que estava curtindo simples e boas recordações, uma meninice revivida com emoção, exercício de fraternidade com um toque alegre, deixadas de lado quaisquer preocupações, para exclusivamente curtirem a amizade e o companheirismo. Mas, não é meu desejo descrever o que foi dito nesse bom momento. Quem quiser saber de que se fala na roda da saudade, que venha aos jantares de nossa Turma. Aqui, hoje, escrevo para exaltar o brado retumbante de ilustre colega, às margens plácidas do Ipiranga e do Paraíba. Ganhei do meu amigo **Joaquim Benedicto de Oliveira**, o **Quinzinho**, um exemplar de seu novo livro de memórias levíticas, agora centradas em sua estada nos seminários maior do Ipiranga e filosófico de Aparecida. Um primor. Iniciei a leitura assim que cheguei em casa, e não parei enquanto não cheguei ao fim. Vou ler muito mais vezes. Não é livro para se ler uma vez só. A cada novo mergulho descobrem-se novos meandros de sabedoria. Nosso amigo é um gênio, não só da literatura e do vernáculo. Conseguiu transformar em palavras e em texto exuberante pensamentos que eu sempre quis externar, sobre a vida no seminário, mas nunca soube reconhecer com exatidão, nominar e transmitir. A vivência em internatos tridentinos imprimia caráter, com virtudes e cicatrizes, a serem vividas pelo resto da vida. Uma vez seminarista, sempre seminarista, longe ou perto das lides eclesiásticas, ontem, hoje e sempre. Roberto Campos (que também o foi) dizia saber reconhecer um ex-seminarista pelo simples gesto das mãos postas para orar ou pelo modo de cruzar os braços. Melhor que ele, ousou dizer que, por mais que pretenda se esconder, o ex-seminarista se trai, ao escrever poucas linhas. Carlos Heitor Cony, por exemplo, é assim, todas as vezes que escreve. Muitos outros articulistas de nossos jornais deixam escapar, o tempo todo, onde passaram anos de sua adolescência e de sua juventude. Eu não escapo à regra: todos os meus colegas da Turma do Ibaté, dedicados à arte de escrever suas idéias, também deixam pistas e pegadas indeléveis, toda vez que empunham lápis e papel, ou o teclado de seus notebooks. O **Quinzinho**, em seu livro, abre o jogo sobre um aspecto com o qual também me identifico: a perene dúvida sobre ficar e sobre ter saído. Fiz bem? Fiz mal? E

a coragem para tomar a atitude? Quanto mais avançado o estágio da imersão, mais valiosa precisa ser a coragem para escapular. Tem gente que nunca a teve, mas admiro os que souberam transformar sua falta de coragem em virtude e em evangélica abnegação. Que Deus os abençoe. Mas, incentivo os que queiram abrir seu coração para comentar seus dramas pessoais. Não se limitem a um simples livrinho de memórias quase infantis, como o meu. Imitem a grandiosidade de um Quinzinho. Estou ansioso para conhecer o terceiro volume, que ele diz estar em andamento. Parece que vai enxertar entrevistas. Essa trilogia merece a exaltação e o apoio de equipe igual à que vi reunida em nosso jantar, promovendo a divulgação do que escreveu o padre de Botucatu. Muitos, de São Roque e de outras plagas, já trouxeram a lume o que se dava nos casarões tridentinos. Mas, poucos falam do que se dava em seus corações e em suas mentes. Que novas vozes se

alevantem. É preciso trazer a lume, não só o que se deu no DOPS ou no Tiradentes, mas, também, o que, no mundo todo, por vários séculos, se deu (de bom e de ruim), nos seminários modelo antigo. Para encerrar, reproduzo o primeiro parágrafo do prólogo do Joaquim: **“Nesta dança da memória, o ritmo é de valsa. Vai e vem, vem e vai. São ondas de um mar mais calmo, agora que a maré é baixa e a gente pode, além de molhar os pés, também arriscar um mergulho em um ou outro vergalhão... sempre pronto, porém, para o tombo, mas só ali onde até as crianças podem nos salvar”**. Leiam várias vezes essa frase e meditem. Este é o Quinzinho. Quanto a mim, prometo comparecer mais vezes aos jantares, para não levantar suspeitas. E podem ensaiar o “sub tuum”, mas, para o nosso Encontro festivo do próximo agosto. E avisem os distraídos que é no sábado, dia 29 de agosto.

(*) Paulo Francisco Toschi, 77 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA” paulofranciscotoschi@yahoo.com

NA CASA DO PAI

Faleceu no dia 21 de março de 2015, aos 74 anos de idade, nosso colega CLOVIS BARONI (54/58).

Dentre as muitas condolências recebidas de inúmeros colegas, destacamos:

De José Justo da Silva - Amigo Clovis, amigo Bambino, neste momento você já deve ter chegado ai em cima, agitando todo o povão, cumprimentado todos seus parentes, todos seus conhecidos, todos os desconhecidos, já deve ter deixado todos os santos não carecas de cabelos em pé, já deve ter montado um coral e cantado todas nossas musicas, começando pelo "Nice" e pelo "vá pensiero". Suas dores físicas já foram para o espaço e agora é só alegria. Saudades do Justo, Padeiro como você me chamava.

De Wilson Cândido Cruz - É com profundo pesar que recebi a notícia do passamento do nosso amigo Clóvis Baroni. Mais uma voz que se cala para sempre em nosso coral. Mas passa a fazer parte do coral dos que já foram antes para cantar com os Querubins e Serafins no Reino Celeste. "Requiescat in pace", bambino!

De Antonio Carlos Corrêa - Bambino, querido! O mundo desperdiça-se com a partida de nosso poeta e compositor, uma das maiores criatividades do Ibaté, nosso maior clown e um de nossos grandes atores. Amado por todos em absoluto. Obrigado por sua companhia. Requiescat, Bambino!

Vide matéria escrita pelo JOSÉ MOREIRA DE SOUZA na página 03.



Clovis e sua filha Regiane

Para-choque do Caminhão do Ibaté

Vale mais uma pedra no caminho do que duas nos rins.



Hotantiqua

HOMENAGEM DO SEMINÁRIO AOS SENHORES PAIS DOS SEMINARISTAS

SESSÃO CÊNICO-MUSICAL

PROGRAMA

- 1 — "Simplicidade", dobrado pela Banda
- 2 — Apresentação pelo Revmo. Pe. Reitor
- 3 — 1.º Ato do Drama — "O GONDOLEIRO DA MORTE"
- 4 — "Ao herói de Genk", mazurka pela Banda
- 5 — Poesia — "Lágrimas Benditas" — por Benedito Luiz
- 6 — 2.º Ato do Drama.
- 7 — "La Speranza", sinfonia pela Banda
- 8 — "Marcha dos Soldadinhos" — por um grupo
- 9 — 3.º Ato do Drama
- 10 — "La dame de coeur", fantasia pela Banda.

PERSONAGENS

Elameto	Sinéio Barbosa
Capitão Speranza	Paulo Sebastião
André Morghése e	Hamilton Bianchi
Tégo Sparadozzi, Patrícios	Mário Polesi
Zacarias de Smyrna	Paulo de Oliveira
Cocaroni, taberneiro	Antonio C. Barra
Bambino, criado	Clovis Baroni
Nuova Croce,	Joaquim Barbosa
San Hieronimo,	Otto Danna
Parmessa e	Antonio Parolim
Ascânio, nobres venezianos	Marcos Mazetto
Carlotto,	João Barizon
Batista e	Mauro Reinaldo
Reginello, gondoleiros	João A. Fornazieri

Esbirros, Barqueiros, Pescadores, Pagens e Povo.

PONTO: Luiz Gonzaga Gianini

A cena passa-se em Veneza na Idade Média.

Seminário Médio Metropolitano.

São Roque, 29 de Agosto de 1954.

A. M. D. G.

HOMENAGEM às Famílias e aos Benfeitores dos Seminaristas, aos ex-Alunos e Amigos do Seminário

PROGRAMA

10,00 hs. — Missa festiva, celebrada por D. Vicente Marchetti Zioni, DD. Bispo Auxiliar de São Paulo.

13,00 hs. — Sessão Sênico Musical:

- 1 — Novo Horizonte — Dobrado pela Banda Santa Cecilia.
- 2 — Palavras de saudação por Sua Excia. D. Vicente Marchetti Zioni.
- 3 — 1.º ato do drama: Sêde de Império.
- 4 — Coro per Pasqua — 4 vozes — A. Bost.
- 5 — 2.º ato do drama.
- 6 — La Dame de Coeur — Ouverture.
- 7 — 3.º ato do drama.
- 8 — Va Pensiero — 3 vozes — Verdi.
- 9 — 4.º ato do drama.
- 10 — Dionízio Gilberto — Dobrado.

Personagens

Seiano, ministro de Tibério...	Benedito Jorge
Públio Aquílio, proconsul das Gálias...	Assis Silveira Soares
Régulo, cavaleiro romano...	Waldemar de Faria
Horácio, tribuno...	Paulo Acácio Martins
Novato, escriba de Seiano...	Joel Barbieri
Joviano, sacerdote de Quirino...	José Moreira
Cornélio Fiacco, senador...	José Luís Crocco
Lívio, filho de Públio...	Ricardo Martins
Mordomo dos Aquílios...	Clovis Baroni
Escravo de Seiano...	José Coelho

Senadores, Soldados e Escravos.

Época dos Césares romanos.

Pontos: Renato Artamendi.

Hermes Pimenta

Seminário Médio Metropolitano

São Roque, 24 de agosto de 1958

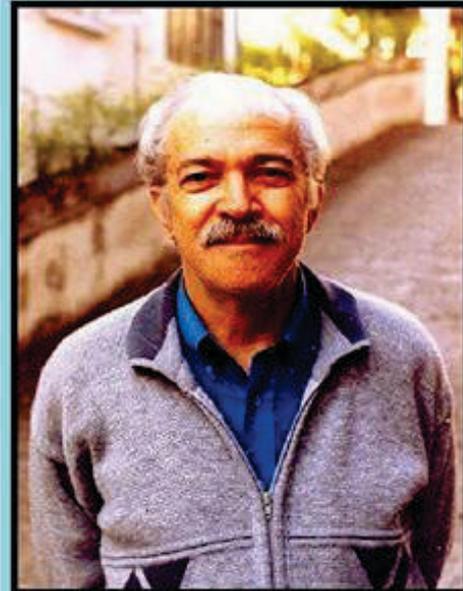
CLOVIS BARONI (54/58) foi um dos mais participativos atores que o Ibaté conheceu. Atuou em quase todas as peças teatrais realizadas em sua época de Seminário, no período de 1954 a 1958.

Apresentamos neste quadro dois programas de peças em que ele atuou:

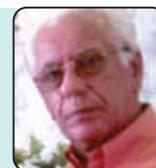
1-O GONDOLEIRO DA MORTE, apresentada em 29 de agosto de 1954, na qual representou o criado BAMBINO, apelido que ele carregou para o resto de sua vida.

2-SÊDE DE IMPÉRIO, apresentada em 24 de agosto de 1958, na qual representou o Mordomo dos Aquílios.

Saudades...



BAMBINO



Nota da Redação: Recebemos do colega Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo o livro de sua autoria LAMPEJOS, lançado em 2014. Uma das partes do livro REMINISCÊNCIAS DO SEMINÁRIO, conta histórias e causos de sua passagem pelo Ibaté. Estamos publicando nesta edição PANTAREI.

PANTAREI

Hoje é domingo. Nem pé de cachimbo, nem jarro de ouro. É um dia sem graça. Até que a temperatura está amena, mas o ar, parado...Nenhuma brisa, nenhuma ave no espaço para dar sinal de vida.

Os pardais pararam de saltitar em minha calçada. O sol parece com preguiça. A tepidez do seu raios espalha indolência por todos os recantos. Um tédio...Uma fastidiosa “bodeira”...

Eis o termo que aflorou em minha mente nesta tarde de domingo; veio lá dos tempos do Seminário, quando algum colega manifestava seu estado de espírito em tardes modorrentas e enfadonhas. Era quando o marasmo tomava conta do pátio de recreação.

Não havia competição esportiva e o alto-falante permanecia silencioso, sem música. Os superiores não compareciam entre nós para passar alguns momentos em nossa companhia. Sem dúvida, estavam recolhidos em seus aposentos para o merecido descanso, enquanto nos amplos corredores reinava absoluto silêncio.

Era nessas oportunidades que alguém deixava escapar a expressão: “Que bodeira!...”. Era a nossa gíria, o que era terminantemente proibido pelo professor de língua portuguesa. O tempo passou, e

muita coisa mudou.

As teorias linguísticas atuais deram carta de alforria e agora as gírias transitam nos mais requintados ambientes. As regras são outras.

As aulas do saudoso Padre Tarcísio se perderam na bruma do tempo, mas os livros que então eram utilizados, ainda os conservo em minha estante. Nos escaninhos da memória, guardo a expressão “panta rei” que dá título a este escrito; ela diz respeito à teoria filosófica de Heráclito, o pré-socrático que preconizava a transitoriedade das coisas.

Nada é imutável; tudo flui, dizia o filósofo. Para nós, naquele tempo, tal expressão designava o desarranjo intestinal, possivelmente provocado por algum alimento do dia anterior. Era quando, à noite, acontecia a correria em direção aos banheiros.

Então, no dia seguinte, um ou outro aparecia com a gíria; “Deu panta rei na turma”. Imagino que se Heráclito estivesse presente naquele momento, com certeza, botaria o engraçadinho pra correr.

Meu caro leitor ibateano, a leviandade do assunto aqui tratado talvez esteja em desacordo com a austeridade da nossa convivência de antanho. Justifico-me, todavia, citando Voltaire; “Devido à frivolidade é que a maioria dos homens não se enforca”.

(*) Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, 77, (53/58), Professor aposentado de Latim, Linguística e Literaturas Brasileira e Portuguesa. Reside em Presidente Vesceslau-SP pimentaseniiorprof@hotmail.com

Dominica in palmis



Augusto José Chiavegato*



Em vinte 29 de março de 2002 escrevi ao meu amigo bispo Celso. Há treze anos guardo essa lembrança que acredito atual mensagem à luz de Francisco. Escrevia:

Acabo de chegar da missa na PUC. Chovia e chove como nunca e concluo que hoje não haverá entrada triunfal em Jerusalém, como por aqui não houve procissão. Contentamo-nos em sacudir nossos ramos na hora que o padre os benzia. Uns, festiva e exageradamente como carismáticos renovados. Outros, timidamente, quase atrás deles se escondendo, como Nicodemos. Eu, entre uns e outros, "conferens in corde" com uma certa tristeza (também sou chegado ao triunfo) que não haveria hoje entrada triunfal em Jerusalém. Nem hoje, nem nunca mais. Foi só uma vez, provavelmente uma entrada rápida, toda in "speculo et aenigmaté", para que cristão algum naquela ou em qualquer outra hora pudesse confundir o triunfo do Reino com aquilo, com o "oba, oba!" de todos os monumentais pontifiais cortejos e aplausos ao rei vencedor. Não, não haverá mais entrada triunfal em Jerusalém. Sobre Jerusalém, pesam palavras,

não de maldição mas de sentida dor: "ai de ti... quis tanto te acolher sob minhas asas..." Não, não haverá mais entrada triunfal. Jerusalém hoje é a cidade da divisão ecumênica e da guerra, como sempre foi, desde os tempos das cruzadas. Jerusalém me confunde pelo que aos meus olhos mortais representa o "fracasso de Cristo". Depois de sua morte na cruz, depois de tantos séculos de pregação do amor e do perdão, Jerusalém são apenas ruínas de um passado remoto onde outros cristos se imolam como homens bomba para terem o direito a um pedacinho de terra desta Jerusalém terrestre. A cada dia que vivo sinto como que entrando em minha cabeça, a ferro e fogo, a grande verdade: o Reino de Deus, meu caro, é só semente. Mais nada. Árvore e pão, só para depois.

(*) Augusto José Chiavegato, 80, ex-aluno do Seminário do Ipiranga de 54 a 57. Filósofo e Professor Universitário aposentado. Lecionou no Seminário Central e na PUCSP. Exerceu o sacerdócio no período de 1960 a 1975 augustochiavegato@globo.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.03.2015	
POSIÇÃO EM 31.01.2015	12.484,16
ENTRADAS	
Contribuições e doações	3.482,90
Juros	113,91
TOTAL ENTRADAS	3.596,81
SAÍDAS	
Diagramação Echus 136	480,00
Fabio Luchesi-Cordão Crachá	968,00
Antecipação Seminário	600,00
Despesas Bancárias	44,40
TOTAL SAÍDAS	2.092,40
SALDO ATUAL 31.03.2015	13.988,57
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.02.2015 a 31.03.2015, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Alfredo Barbieri, Antonio da Aparecida Simões Cucio, Antonio José de Almeida, Antonio Martini, Francisco Fierro, Holien Bezerra, Horácio José de Sousa, João Bosco Amstalden, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, José Luiz Mariano Gomide Ribeiro, José Novaes, Luiz Carlos de Oliveira, Luiz João Corrar, Norival Lupetti, Rocco Antonio Evangelista, Rovirso Aparecido Boldo, Sergio Fioravante, Sergio Santana e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hireinaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Luiz Loureiro, Paulo Francisco Toschi, Pe. Otto Dana.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa

Postal 71.509, Cep 05020-970, S. Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail: echus@zipmail.com.br; echusdoibate@gmail.com
- Blog do Ibaté: www.imate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: imate.sp@gmail.com
- "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/Echusdoibate/>

Diagramação:
Conexão Propaganda (11) 4063-9081

